

EDITORA

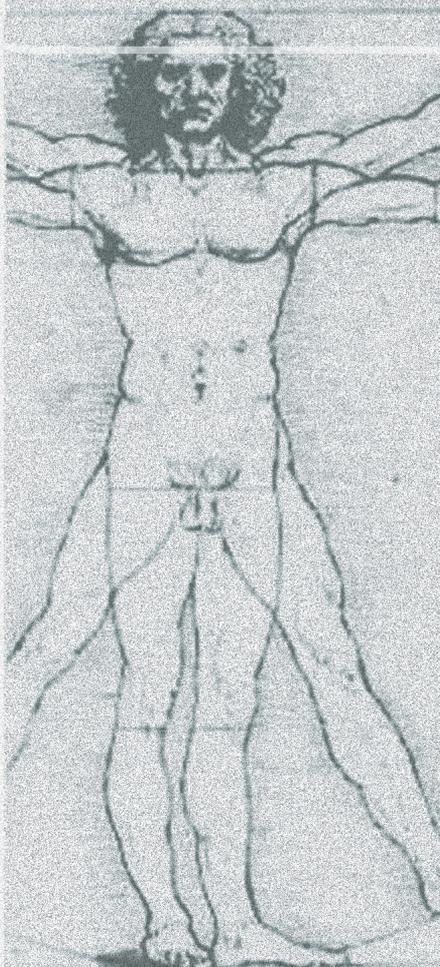


UnB

NARRATIVAS SOBRE O CORPO

Educação, arte e sociedade

Juliana Rochet
(organizadora)



 **EXTENSÃO
INSURGENTE**



Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira

Conselho editorial : Germana Henriques Pereira (Presidente)
: Ana Flávia Magalhães Pinto
: Andrey Rosenthal Schlee
: César Lignelli
: Fernando César Lima Leite
: Gabriela Neves Delgado
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
: Liliane de Almeida Maia
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira
: Roberto Brandão Cavalcanti
: Sely Maria de Souza Costa

EDITORA



UnB

NARRATIVAS SOBRE O CORPO

Educação, arte e sociedade

Juliana Rochet
(organizadora)



Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais

Coordenação geral	Thiago Affonso Silva de Almeida
Consultor de produção editorial	Percio Savio Romualdo Da Silva
Coordenação de revisão	Denise Pimenta de Oliveira
Coordenação de design	Cláudia Barbosa Dias
Revisão	Guilherme de Miranda Marto
	Lara Andressa da Silva Carvalho
Diagramação	Uilca-Terra R. M. M. Martins
Imagem de capa	Homem Vitruviano de Leonardo Da Vinci

© 2024 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

N234 Narrativas sobre o corpo [recurso eletrônico] :
 educação, arte e sociedade / Juliana Rochet
 (organizadora). – Brasília : Editora
 Universidade de Brasília, 2024.
 79 p.

Formato PDF.
ISBN 978-65-5846-271-2.

1. Extensão universitária. 2. Arte. 3.
Educação. I. Rochet, Juliana (org.).

CDU 374.72



Sumário

Prelúdio 7

Apresentação: educação como prática de (ex)posição 9

Juliana Rochet

A “invenção de si” no trabalho das imagens:
temporalidades, arte, corpo e sociedade 15

Edson Farias e Juliana Rochet

Interlúdio 29

Escrita imersiva em reverberações do Ciclo de Formações

Diálogos Universidade-Escola: um relato de experiência
da Escola Parque da Natureza de Brazlândia 31

Edinéia Alves Cruz, Lucas de Souza Amador, Mirelle Pereira Nascimento, Rogério Gomes dos Santos e Orlando Pereira dos Santos

O corpo na UnB 39

Leilane Reboredo de Castro

Cá entre nós: um espaço para partilha de *poiesis* e *aesthesis* 47

Alice Fátima Martins

Do contar histórias em poéticas da intimidade 55

Leticia Liesenfeld Erdtmann

Vivência na dança, o corpo que se reconta 65

Emilie Sugai



Poslúdio 73

Considerações finais: Um olhar “sentipensante”
sobre o saber-fazer extensionista 75

Ana Cláudia Ofuji, Andreia Priscila Borges Costa e Kamilla Torres

Interlúdio

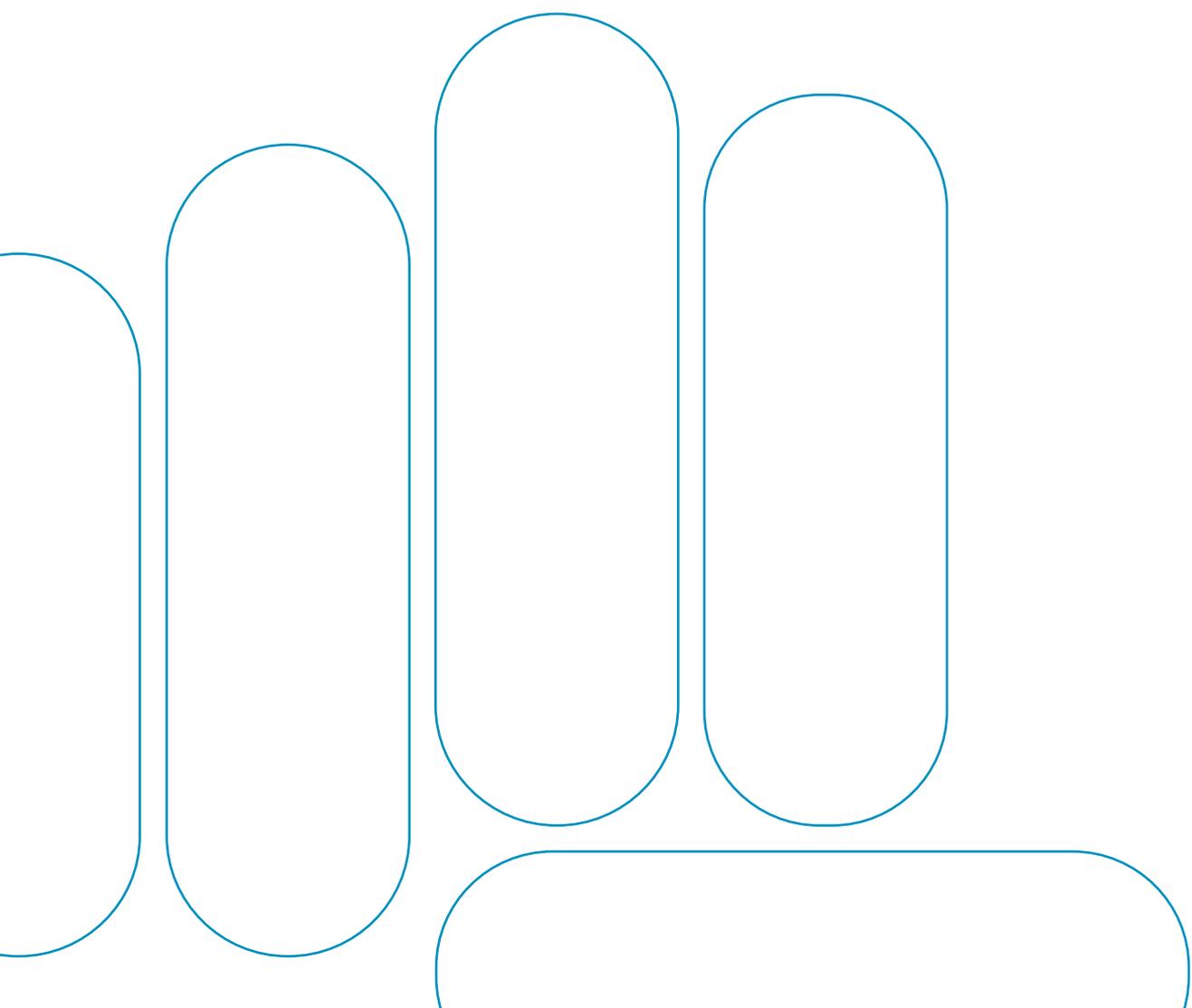
Para apalpar as intimidades do mundo é preciso saber:

- a) Que o esplendor da manhã não se abre com faca*
 - b) O modo como as violetas preparam o dia para morrer*
 - c) Por que é que as borboletas de tarjas vermelhas têm devoção por túmulos*
 - d) Se o homem que toca de tarde sua existência num fagote, tem salvação*
 - e) Que um rio que flui entre 2 jacintos carrega mais ternura que um rio que flui entre 2 lagartos*
 - f) Como pegar na voz de um peixe*
 - g) Qual o lado da noite que umedece primeiro.*
- etc.*
etc.
etc.

Desaprender 8 horas por dia ensina os princípios.

Uma didática da invenção

Manoel de Barros





O corpo na UnB¹

Leilane Reboredo de Castro²

Este texto trata da minha experiência enquanto estudante da Universidade de Brasília, escrito em um momento de transição do ensino remoto ao presencial, devido à pandemia da covid-19. Tomando como base a autoetnografia na construção da reflexão, busco a partir da minha própria experiência analisar questões mais amplas desse contexto. Diante disso, o corpo é elemento central de análise, sendo ele o facilitador da experiência com o mundo. Os escritos seguintes buscam reivindicar o cotidiano como aquilo que dá corpo à experiência formativa.

Lembro-me da primeira vez que vim à Universidade. O que mais me chamou atenção foi a ausência de muros. Não havia fronteiras que delimitavam o que estava dentro e o que estava fora. Parecia não haver barreiras. E depois de algum tempo compreendi na vivência e com os ensinamentos de Paulo Freire e Darcy Ribeiro, que o sentido simbólico da Universidade, e mais especificamente do eixo da extensão, em relação à sociedade, está justamente em não ter muros, estendendo o conhecimento de forma a esmaecer as fronteiras com o mundo externo, possibilitando o livre fluxo de troca de saberes em um processo dialético.

A rotina de despertar e vir para a Universidade e à noite retornar para casa se tornou um hábito cotidiano ao iniciar a graduação. A simples vivência do dia após dia aparentemente não reserva nada de excepcional. Porém, sempre há surpresas reservadas pelo futuro desconhecido ao caminhar pela UnB. Inesperadamente podemos nos deparar com uma performance acontecendo no ICC (Instituto Central de Ciências), o som de alguém a tocar clarinete na faculdade de música ou de um pássaro enquanto se caminha em direção à BCE (Biblioteca Central da UnB). Atos políticos no Ceubinho³, brechós no Udfinho⁴, pessoas dançando no amarelinho, cartazes que capturam a atenção no mural, um cavalo correndo pelos corredores, um pianista percorrendo todo ICC enquanto toca, o cheiro das plantas

¹ Universidade de Brasília.

² Graduanda em Antropologia pela Universidade de Brasília (UnB). Atualmente é diretora de projetos da Enactus-UnB e integra o grupo de pesquisas do Laboratório Interdisciplinar de Educação, Cultura & Arte (Labeca) vinculado à Universidade de Brasília (UnB). Atuou como estudante extensionista do projeto Diálogos Universidade-Escola: conhecimentos e práticas em movimento, desenvolveu pesquisa como voluntária no Programa de Iniciação Científica da Universidade de Brasília (Proic-UnB) no projeto O universo dos rituais. Seus interesses perpassam pela antropologia do corpo e da pessoa, práticas educativas, relação Homem-Natureza, desenvolvimento sustentável, direitos humanos e relações internacionais.

³ Lugar de convivência estudantil na UnB.

⁴ Lugar de convivência estudantil na UnB.

dos jardins, os gatos, pombos e saruês transitando, ou mesmo um novo direcionamento da atenção em um caminho já conhecido.

Ao rememorar, percebo que o ponto chave desse caminhar é a prática da atenção ao hábito. Hábito remete a uma rotina repetitiva que rege nossas vidas durante todos os dias sem que tenhamos consciência clara das ações. Em uma rápida busca do termo no Google, o que aparece logo no topo são dicas de como mudar os hábitos, como desenvolver hábitos para ser uma pessoa bem sucedida, hábitos para ser mais produtivo, entre outros tantos que vão nesse mesmo sentido. Hábito seria, portanto, algo que está em um indivíduo e em sua forma de se comportar.

A palavra habitar – do latim *habitare* – também formada pelo prefixo *hab*, traz consigo outra significação que vai no sentido do morar, viver, se demorar, e até mesmo um sentimento de aconchego e de segurança. Proponho então pensarmos o hábito como o habitar na própria experiência. Como informa Dewey (1987, p. 41), realizar uma experiência é estar dentro dela, habitar ela; ao fazer, nós habitamos o mundo. Em uma conferência sobre arquitetura pronunciada em 1951, Heidegger (1954) enuncia a palavra *bauen* do antigo alto-alemão que acomoda nela os significados de construir, habitar e ser em unidade. *Bauen* é a mesma palavra que *bin* (sou). *Ich bin* (eu sou) significa “eu habito”. Ser é habitar, e a pessoa é à medida que habita, o construir a experiência cotidiana, o habitual (Heidegger, 1954, p. 4).

Significando o hábito – além de um comportamento recorrente e inconsciente –, um habitar na experiência, recorro a Ingold (2020) para refletir sobre a atenção. Atenção vem do latim *ad-tendere*, que significa “alongar (*tendere*) em direção a (*ad*)”. O antropólogo traduz esse significado como quando nos esforçamos para ouvir um som distante, “como se todo o corpo fosse ele mesmo um ouvido elástico que sente em sua tensão o esforço do alongamento” (Ingold, 2020, p. 38). Atentar-se envolve o esforço de se alongar, um movimento em uma certa direção. Quando apresentei algumas situações inesperadas no cotidiano na UnB, mencionei cartazes que capturam a atenção no mural, o que poderia ser percebido como uma distração no sentido negativo, ou seja, uma perda de foco, um desvio da atenção para algo além do caminhar funcionalista, um meio para se chegar em outro lugar.

Para evocar o corpo na Universidade, escolho a arte do caminhar. O caminhar é ele mesmo uma experiência pela qual passamos “quando nos habituamos a caminhar, é a submissão que conduz” (Ingold, 2015, p. 138-142). Passar, caminhar, ser conduzido, andar, todas essas ações são sobre ex-posição, estar fora de posição (Masschelein, 2010), e se expor, se colocar no risco do desconhecido e do indeterminado em um constante descobrir, pois em cada passo há um elemento de incerteza. Andar é submeter-se ao mundo por meio do corpo, corpo este que “sofre mais do que domina a terra em que anda” (Harley, 2003).

Ao caminhar, sentimos a atuação e a submissão do espaço e do tempo. Algo que a pandemia da covid-19 ofuscou. No primeiro momento de intenso caos social e sanitário, as fronteiras foram fechadas e barreiras nos foram impostas no circular e no encontrar com o outro, seja pelo impedimento do deslocamento físico ou pelas máscaras que cobrem nossas

faces. Confinados em um mesmo espaço por mais de dois anos, com a possibilidade de se mover e se expor ao mundo restringida, a percepção do espaço e do tempo se distorceu.

A casa, lugar de habitar, no sentido físico e funcional, passou a ser também rua, lugar de trânsito, trabalho e produtividade. Como sugere Da Matta (1997), a rua tem um papel fundamental como o espaço de um ritual de passagem entre identidades, entre pessoa e indivíduo. Durante o trajeto que era percorrido quase diariamente – como um hábito –, construíamos nossas identidades. Em casa eu era uma, na aula outra, no almoço com meus amigos outra, uma em cada lugar e em relação a quem estava compartilhando esse lugar, sendo muitas de mim ao longo dos trajetos que me modificavam. Na realidade do isolamento necessário durante a pandemia, quem era eu dentro do quarto na frente do computador por mais de 12h diárias, inclusive durante refeições, transitando de uma aula para outra, de uma reunião para a outra, e às vezes, até mesmo, em mais de uma ocupando espaços diferentes ao mesmo tempo, superando um princípio da física?

Na aula, eu era estudante para o professor, mas nesse mesmo tempo eu era também filha em casa, disponível para contato com os meus pais. Inúmeras foram as vezes em que fui interrompida no meio de uma chamada, ou tive que desligar o áudio pois minha família estava falando alto no ambiente de casa, onde expressavam suas identidades alinhadas com o espaço. Eu não estava ocupando aquele mesmo espaço. Ainda que fisicamente sim, mas ocupava também um espaço abstrato, o chamado ciberespaço.

O ciberespaço se tornou o ambiente geográfico em que um corpo virtual transita na rede. Mas o que é o espaço dessa rede? O que é esse corpo? O que é esse trânsito? Sentia-me quase como um ser acorpóreo sem existência material, que vagava na nuvem.⁵ E os momentos de existência física, em que o pensamento do eu se manifestava, se tornavam cada vez mais atormentadores.

Imersa na indefinição de espaços, tempos e identidades, todo tempo parecia ter que estar a serviço da produtividade. Como, em tese, havia todo tempo disponível, visto que os deslocamentos eram instantâneos, parecia possível fazer muitas coisas ao mesmo tempo, sendo necessário ocupar todos os momentos disponíveis do dia. A urgência proposta pela onipresença acabava por assolar o ócio.

Nesse momento, o que havia era o quintal como espaço de vida. Passei a observar atentamente as transformações que ali ocorriam. Por diversos dias, pelas lentes de uma câmera, fitei as plantas crescendo, as flores brotando, borboletas que por ali transitavam, abelhas e beija-flores em busca de pólen, aranhas construindo suas teias, a cada dia algo capturava minha atenção por seus detalhes. Me sentia habitando tal experiência habitual que era compartilhada. Como se nesses momentos existisse um deslocamento, e de fato, eu estava sendo deslocada.

Digo tudo isso para ilustrar como a casa acabou por ganhar novos contornos e, de certa forma, se estendeu para além das fronteiras dos muros, chegando à Universidade, que passou a existir virtualmente dentro da minha casa. No primeiro parágrafo deste texto, eu

⁵ Nuvem aqui faz referência à forma de armazenamentos de dados e arquivos na internet, por isso está no singular.

falo sobre o propósito da Universidade existir sem fronteiras, porém, quando ela alcança a casa por meio do ensino remoto, é uma extensão precarizada, um braço que não alcança, não toca e muito menos captura.

A distância permite o envio de conteúdos, encontros online e permite a comunicação, ainda que muitas vezes deficitária. Porém, se pensarmos a educação, como propõe Tim Ingold (2020), como a prática da atenção, fica perceptível que está para além da transmissão, ou imposição, de conteúdo. A educação se constrói pela experiência dos próprios educandos em diálogo com os professores e com o mundo ao seu redor. Por isso, a experiência no *campus* proporciona uma aprendizagem em relação, ou seja, agir e ser atingido, e não apenas a absorção do que é proposto. Aprendizagem esta que se coloca para além da sala de aula, uma vez que esse ambiente não se restringe a ela, pois é pela convivência, pelo compartilhar, pelo caminhar, pelo ver e ser visto, pelo tocar e pelo sentir, ou seja, por meio da presença dos sentidos, que dão sentido ao corpo e ao ser, que percebemos o meio e nos relacionamos com ele.

Você já sentiu algo que não conseguiu expressar em palavras? Acredito que sim. Frequentemente isso acontece comigo, pois tem coisas que a linguagem não consegue alcançar. E mesmo que tente, não necessariamente a fala atingirá o outro da forma que a experiência o faz. Como, então, compreender plenamente o que o outro diz se não nos submetemos a experiências que nos permitam sentir, nos contentando com o que vem já acabado a partir da experiência do outro?

Encontrei um fragmento de pensamento escrito durante a pandemia em que digo que “a informação anestesia, eu quero a vida pela experiência, digo isso hoje e amanhã volto à rotina”. Lembro-me que, naquele momento, eu estava lendo o livro Tremores: escritos sobre experiência. Nele, o autor Jorge Larrosa fala que

nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. Em primeiro lugar pelo excesso de informação. A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência.[...] e pelo saber (mas saber não no sentido de “sabedoria”, mas no sentido de “estar informado”), o que consegue é que nada lhe aconteça (Larrosa, 2022, p. 21).

Durante o ensino remoto me senti no mundo da informação em que a experiência era rara pelo excesso de trabalho. Interessante que, no currículo, na área destinada às experiências, o que se coloca são experiências profissionais e acadêmicas. Nesse sentido, as experiências se restringem às ações que derivam e retroalimentam a necessidade excessiva por produtividade. Porém, se pensarmos o hábito, que pode ser do próprio trabalhar, como habitar a experiência do cotidiano, isso implica se demorar, se alongar – no sentido da atenção, ou seja, olhar, escutar, desacelerar, sentir. Algo que o trabalho nos moldes que conhecemos não permite, pois exige que realizemos o máximo no menor tempo possível, para assim ter mais tempo para produzir ainda mais.

Meu corpo sentiu isso de forma intensa, pois ao me sentir acorpórea eu estava esquecendo de ouvir o que meu corpo dizia. Passei a dormir pouco, pois precisava acordar o mais cedo possível e dormir o mais tarde que conseguia para aproveitar cada segundo do dia; me alimentava mal, muitas vezes em frente ao computador, queria preencher cada segundo da minha agenda e quando não estava preenchido me sentia incomodada. Via no ócio uma improdutividade que soava como um crime, mesmo quando meu corpo cansado não aguentava mais.

Porém, ao mesmo tempo que vivia dessa forma, buscando calar a mente com o excesso de informação, nos momentos em que parava, meu subconsciente gritava pela experiência. E muitas vezes eu tentava, como no caso das fotografias, mas logo acabava por retomar ao modo insustentável de produtividade.

Ao retomar para o presencial, questões passaram a me atravessar. Agora o corpo ocupa um lugar. O corpo transita. O corpo caminha. O corpo sente. O corpo expressa. O corpo experientia. O corpo movimenta. Corpo que muito faz pelo seu agir, mas também muito recebe e sofre.

Me lembro de uma disciplina em que a professora falou do *flaneur*. O *flaneur* é aquele que caminha. Vem do verbo francês *flanêr*, que significa passear. Esse personagem corresponde a uma figura nascida em meio à industrialização dos séculos XVIII e XIX, que dedica seu tempo a andar tranquilamente pelas ruas, sem pressa, observando e sendo observado. Passear é uma palavra tão calma. Ao passear não temos pressa, andamos a observar quase como se fossemos levados pelo próprio passeio, sem correr para um destino.

O termo foi cunhado por Charles Baudelaire (1821-1867) e se refere a alguém que observa a cidade ou seus arredores, anda pelas ruas e pelos espaços escondidos. Seria um caminhar em direção oposta à sociedade capitalista, esta que caminha com pressa e para comprar. O *flaneur* caminha por caminhar, sem pressa, para chegar de um lugar a outro. No entanto, o termo também pode ter uma conotação negativa, significando vadio ou ocioso, por não estar a serviço do trabalho. Um corpo em ócio pode ser um protesto, um corpo sentado na grama da BCE, desenhando ou, fazendo crochê, é um corpo que causa estranhamento e atrai olhares por sua suposta improdutividade, por estar fora do tempo de produção.

O contraste entre a hiper produtividade no ensino remoto e o retorno ao presencial onde o tempo é tomado por deslocamentos, conversas fiadas e distrações, é incômodo e paradoxal. Muitas vezes me sinto improdutiva, logo, inútil, por não estar o tempo todo ocupada, por não dar conta de tudo como antes, e ao mesmo tempo me questiono o porquê desse sentimento. Alguns dias decido protestar acolhendo o ócio.

A agonia e ansiedade das horas marcadas e a necessidade de ocupar cem por cento da agenda para não perder tempo acaba tomando conta por alguns momentos. A UnB, e a cidade como um todo, se tornam apenas pano de fundo para nossas rotinas sem nem olhar para os lados, com antolhos limitando a visão e muitas vezes olhando só para o chão. Quanta coisa se perde ao redor enquanto passamos correndo olhando para o chão?

Desço do ônibus e começo a ouvir. Um bem-te-vi a cantarolar preenche minha manhã. Avisto uma menina com sua mãe. Ela corria pelas escadas e a chamava para ver algo, mas a mãe precisava ir embora. “Vamos filha, mamãe tá com pressa”. A menina não tem pressa.

Uma pessoa embalada em um plástico no meio da entrada do Restaurante Universitário. Um corpo negro manchado de sangue. “A carne mais barata do mercado é a carne negra”. Parece acordar alguns do transe da rotina.

Alguns acontecimentos imprevisíveis parecem quebrar o acordo tácito de fazer de conta que a vida não existe ao nosso redor, que precisamos sempre estar correndo. Andar pela Universidade, senti-la, ouvi-la, é apropriar-se dela, não só nas aulas, construindo práticas pedagógicas através do corpo que caminha; construindo saberes pela experiência, pelos passos únicos que singularizam o sujeito que os executa.

“Toda educação é a educação do corpo” (Strazzacappa, 2001, p. 79). O corpo, no sistema cartesiano, é doutrinado de forma que todos tenham que se sentar um atrás do outro com o professor à frente, é obrigado anotar o que é passado, realizar tarefas, ignorando as formas como o corpo se expressa. Existem algumas variações de como o ensino é realizado na Universidade, com algumas aulas em círculo, outras com mais debates, porém, ainda assim, é difícil ver experiências em que o corpo participa da aprendizagem de forma ativa em sala, que não pela escrita.

A aprendizagem através da atenção à vida fora de sala, à vida das comunidades pela extensão, é como um grito rebelde contra a doutrinação de corpos.

Ao pensarmos o corpo como território, aciono Silvia Camurça (2012). Ela diz que ao pensar nosso corpo como nosso território “propomos tomar o corpo como território onde nossa vida habita; algo inseparável da própria vida que se realiza através e pelo corpo, nossa base material de existência humana: meu corpo sou eu”. Não somos possuidoras do corpo no sentido de um bem, mas habitamos e somos nós mesmas o corpo, corpo este que nos permite tomar consciência de ser e estar no mundo.

Na fenomenologia de Merleau-Ponty, o corpo é como local de apreensão sensível dos significados, do intersubjetivamente compartilhado. Sem o corpo não há relação do sujeito com o mundo. O corpo é criador de sentido que comporta a dimensão subjetiva da vida. Assim, “[o] corpo é o veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles” (Merleau-Ponty, 2011, p. 122).

Retomando a ideia de hábito como habitar a experiência, por meio do corpo. O corpo é ele próprio território. Território como algo mais que a terra. Como lugar onde se vive e se produz cultura, arte, história, relações sociais, identidades. Identidades que podem ser fruto de opressão, dominação e discriminação sofridas pelo corpo através das diversas interações de condições estruturais da sociedade, ou seja, dependendo do lugar social, que se ocupa as vivências são diferentes. Isso é chamado de interseccionalidade.

O corpo feminino que media minhas experiências cotidianas é atravessado por vivências diferentes de outros corpos, inclusive de outras mulheres também. Um dos pontos que corpos femininos têm em comum é que estes são constantemente violados, invadidos e silenciados. O corpo feminino precisa estar em constante alerta, pois a ameaça de invasão é incessante, não escolhe hora, lugar nem idade. Como se esse corpo estivesse disponível para uso público.

Esse corpo parece não ter o direito de caminhar só. Precisa de um outro alguém, de preferência do sexo masculino, para ser respeitado. Muitos homens não respeitam mulheres a menos que esta seja tida como propriedade de outro homem. Nunca por si mesma. Nesse sentido, a mulher perde sua individualidade e passa a ser vista como pertencente a alguém. Diversas foram as vezes que tive que andar com um amigo para ficar segura, ou tive que sugerir que fingisse ser meu namorado para não ser incomodada.

Saliento, portanto, a importância de incluir o marcador de gênero ao caminhar, pois muitas vezes somos restringidas de transitar. Com o retorno ao presencial, a Universidade sem muros continua nos deixando desprotegidas. Não pelos muros físicos, mas pelos simbólicos, que deveriam impor limites e nos proteger. Presencialmente, o corpo ocupa os espaços materialmente e se encontra vulnerabilizado por terceiros que o invadem por meio de olhares, comentários ou toques.

O corpo feminino caminhante é tomado por inseguranças, é obrigado a estar atento para improvisar, criar atalhos e rotas de fuga. O caminhar feminino transgride ao mesmo tempo que é violado, arrisca e se posiciona enquanto é oprimido e objetificado. O caminhar feminino pede, desde o nascer, mais atenção. E estar na Universidade presencialmente me faz lembrar disso. Um certo instinto, que durante o isolamento fora adormecido, ressurge nesse retorno presencial em que o corpo se faz mais presente em relação aos outros. Mas não deixarei de caminhar. Continuaremos existindo, (re)existindo e caminhando.

Referências

CAMURÇA, Silvia M. S. Nosso corpo, nosso primeiro território!. *In: Jornal Fêmea*, n. 172. 18 jun. 2012. Disponível em: https://www.cfemea.org.br/index.php/pt/?option=com_content&view=article&id=3709:nosso-corpo-nosso-primeiro-territorio&catid=390:numeroso-172-janeiro-a-junho-de-2012&Itemid=129. Acesso em: 10 jul. 2022.

DAMATTA, Roberto. *Casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEWEY, John. Art as experience. *In: DEWEY, John. Art as an experience: the later works of John Dewey, 1925-1953*, v. 10. Carbondale: Southern Illinois University Press, 1934.

HATLEY, J. D. Taking phenomenology for a walk: The artworks of Hamish Fulton. *In: ITKONEN, M.; BACKHAUS, G. (eds.). Lived images: Mediaions in Experience, Life-World and I-hood*. Jyväskylä: University of Jyväskylä Press, 2003. p. 194-216.

HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. [Conferência sobre arquitetura pronunciada pelo filósofo Martin Heidegger por ocasião da “Segunda Reunião de Darmstadt”]. 1951. *In: HEIDEGGER, Martin. Vorträge und Aufsätze*. Pfullingen: G. Neske, 1954. Tradução: Marcia Sá Cavalcante Schuback.

INGOLD, T. *The life of lines*. Abingdon: Routledg, 2015.

INGOLD, T. *Antropologia e/como educação*. Petrópolis: Vozes, 2020.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, 2002.

MASSCHELEIN, Jan. The idea of critical e-ducation research – e-educating the gaze and inviting to go walking. In: GUR-ZE'EV, I. (ed.) *The possibility/impossibility of a Critical Language of Education*. Rotterdam: Sense Publishers, 2010. p. 275-291.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

STRAZZACAPPA, Márcia. A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. *Cadernos Cedes*, ano 21, n. 53, p. 69-8, 2001.

A Editora UnB é filiada à



Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

NARRATIVAS SOBRE O CORPO

Educação, arte e sociedade

Que histórias o corpo conta? Como nossos corpos contam, dançam, imaginam, compartilham histórias? Narrativas sobre o corpo – educação, arte e sociedade não apenas procura responder a estas questões, mas convida o(a) leitor(a) a dialogar e a se “ex-por” às tramas do corpo, ao corpo que cria, ao corpo que (se) conta. Originada do projeto de extensão O mais profundo é a pele e das apresentações realizadas ao longo da Jornada Poéticas do Corpo, a coletânea conta com colaborações de docentes, discentes e pesquisadores(as) da UnB, da Universidade Federal de Goiás e da Escola Parque da Natureza de Brazlândia - DF, todos com distintas (e ricas) trajetórias e atuação em variadas áreas de conhecimento. Destes encontros nasceram sete capítulos, bordados pelas palavras de Manoel de Barros. Entre aprendimentos e ignoranças, os capítulos estão organizados entre Prelúdio, Interlúdio e Poslúdio. A boniteza deste processo de narrar o(s) corpo(s) reluz ainda mais porque acontece no âmbito de uma ação de extensão, provocando o trânsito entre universidades e escolas, “entre peles, fronteiras e territorialidades”, radicalizando a partilha entre saberes e fazeres diversos. Um livro feito de corpos e palavras, para seguirmos caminhando, aprendendo e narrando juntos.

Luciana Hartmann

Professora titular do Departamento de Artes Cênicas/UnB.

EDITORA



UnB

